

A PARTIR DOS ANOS 2000, A ARTE DE RUA COMEÇA A REGISTRAR UMA MAIOR PRESENÇA DE GRAFITEIRAS

Arte nas ruas de Salvador

Cores e traços Livro mostra transformações dos grafites e pixações feitas na cidade nos últimos 30 anos

Laura Fernandes

REPORTAGEM

laura.fernandes@redebahia.com.br

O grafite é um museu a céu aberto que traduz a identidade de uma cidade. Mas como arte efêmera, pode durar mais ou menos tempo, a depender da quantidade de sol e chuva nos muros e paredes.

Na tentativa de eternizar essa expressão artística, o livro Ruas Salvador (Editora Gris | 398 páginas) registrou a produção da arte urbana dos últimos 30 anos na capital baiana. A curadoria é do grafiteiro Eder Muniz, que tem quase 25 anos de carreira.

Contemplado pela Lei Aldir Blanc, o Ruas Salvador teve sua primeira edição esgotada e agora se organiza para ampliar a tiragem com o novo edital que será lançado agora em julho.

Registro histórico, o livro contempla grafites e pixos feitos em diferentes pontos Salvador, entre os anos 1990 e 2020, que traduzem cenas do cotidiano de crianças e famílias nordestinas, o grito da favela, a resistência do povo negro e dos povos indígenas, só para citar alguns exemplos.

DEMOCRÁTICA

Com influências que vão da ópera ao pagode, cita Eder, 38 anos, a arte urbana não para de se renovar e é isso que o livro mostra: uma expressão viva e democrática.

“É arte contemporânea, é a arte mais vista do momento porque não exclui ninguém. É de todas as classes: da doméstica ao executivo”, destaca o curador do livro que resgata os principais agentes e coletivos que construíram a história da arte urbana soteropolitana.

Além do próprio Eder, são retratados artistas como Tom PPL, Aids, Mina, Verme, Limpo, Bigode, Denissena, Sista Kátia, Ananda Santana,

Oliver e Scank, que morreu em 2020 vítima da violência urbana - juntamente quando realizava a pintura de um muro.

O trabalho reúne fotografias da arte de mais de 40 grafiteiros e pixadores, além de biografias e entrevistas com alguns deles. “Por muito tempo não houve esse registro. Se você conta a história, você valoriza a memória”, enaltece Eder.

Com pesquisa idealizada em 2010 por Eder e pela urbanista e pesquisadora americana Carly Fox, Ruas Salvador tem texto de apresentação da professora e pesquisadora Roca Alencar e poesias de Vírus e James Martins. O livro conta, ainda, com um registro do fotógrafo francês Pierre Verger (1902-1996) cedido pela Fundação Pierre Verger.

GRAFITE X PIXAÇÃO

Ao longo das quase 400 páginas, o leitor se depara com momentos marcantes da arte urbana na cidade, percebe a transformação das expressões artísticas, a inclusão de mulheres na cena - que no começo era dominada basicamente por homens - e a reaproximação de pixadores e grafiteiros.

Os primeiros, mais ligados às letras (tags), e os grafiteiros, mais voltados às cores e aos personagens, acabaram se afastando durante a execução do projeto Salvador Grafita, explica Eder.

Implementado pela prefeitura em 2005, durante a gestão de João Henrique, o projeto previa a intensificação da pintura de passarelas, muros e viadutos da cidade.

“O Salvador Grafita meio que atirou o grafiteiro contra o pixador e vice-versa. Quando virou um jogo político, de interesse de amigos de amigos, os pixadores foram perseguidos”, critica. “Mas nesse momento Salvador vive um momento de paz”,



Um dos grafiteiros de destaque da cena baiana Dimak tem seu trabalho registrado em Ruas Salvador



Slin em ação: livro mostra as principais diferenças entre o pixo e o grafite e defende a liberdade artística



As letras ou tags, como no trabalho de Raiv, são uma forte marca do grafite soteropolitano



Representatividade feminina e negra no trabalho de Ananda Santana



Trabalho do grafiteiro Baga: livro registra mudanças estéticas

agradece.

“Apesar de todos os pesares”, a existência do projeto Salvador Grafita foi importante, na opinião da ilustradora e grafiteira Ananda Santana, 25, conhecida pela assinatura Srt.as.

Isso porque, diz, o projeto “trouxe artistas que muitas vezes estavam no anonimato e conseguiram, através do projeto, pintar a cidade com certa ‘liberdade’, ‘proteção’ e ‘estrutura’”, mesmo que fossem pontos delimitados pela prefeitura e com ressalvas.

Tom PPL, que está na cena desde 1992, acrescenta que o nível aumentou com a evolução técnica e Salvador passou a surpreender o Brasil e o mundo, com artistas cada vez mais respeitados.

“Até um tempo atrás era considerado vandalismo, mas tudo que expressamos fez nos tornarmos o que somos sem precisar lutar. A nossa luta foi sempre fazer o que sabemos: embelezar as cidades! Sempre foi e sempre será arte”, defende.

Hoje, o respeito impera e a maioria dos grafiteiros reconhece que a essência do grafite é a pixação, opina Eder. Seja qual for, a arte urbana é uma forma de questionar o direito ao espaço público e de expor pensamentos. “É o termômetro que mede como está a favela, a escola pública, o



Por muito tempo não houve esse registro. Se você conta a história, você valoriza a memória
Eder Muniz

Sobre o livro, que já esgotou a primeira edição e que traz depoimentos e fotos da arte urbana em Salvador entre 1990 e 2020

que está faltando. É o grito mesmo, as pessoas querem se expressar, falar o que tá doendo”, afirma, acrescentando que “o grafite é uma cultura, não é uma técnica”.

PRESENÇA FEMININA

Na rua desde 2014, Ananda conta que o livro Ruas Salvador apresenta um levantamento importante. Ela percebeu, com a leitura, que o grafite cresceu e a técnica evoluiu, apesar da dificuldade de conseguir material, dos desafios com deslocamento na cidade, das represálias da polícia e até mesmo da sociedade. “Hoje tudo isso continua, mas acredito que houve certa melhora: as pessoas começaram a enxergar o graffiti como uma arte que merece respeito”, diz.

Apesar de haver muito a ser feito, Ananda ressalta o aumento da participação das mulheres como “uma evolução grandiosa”. As grafiteiras de hoje chegaram com “vontade de transformar a cidade através de uma ótica feminina”, enaltece a responsável por dar voz à representatividade de mulheres negras. Ananda acrescenta, porém, que poucas são retratadas no livro, o que reflete o longo trajeto a ser trilhado daqui pra frente.

Apesar dos obstáculos, o livro mostra um amadurecimento da arte urbana. Foi nos

anos 2000, quando começaram a ser criados os coletivos e as mulheres passaram a se sentir seguras nas ruas, que a pixação passou por uma transformação. Antes ligada à caligrafia “mais embolada”, ela foi ficando mais solta e começou a ser reconhecida como letreiro baiano, com letras mais tribalizadas, explica Eder.

É essa estética tribal que dá a cara da cena de hoje, ao lado de uma produção afro-indígena do grafite. “A importância do livro é enorme. Contém uma historicidade do nosso trabalho, artistas que fizeram e fazem história. Estamos juntos contando uma história que é bastante efêmera, que não temos muito controle do tempo que irá durar e muitas vezes não temos registro”, enumera Ananda.

É a partir da arte urbana que uma cidade cria identidade, acrescenta Eder, e a pesquisa Ruas Salvador mostra isso. “Antigamente, os locais eram identificados por suas esculturas, seus monumentos. Hoje, se identificam pelo grafite. São Paulo tem uma identidade, Salvador tem outra. Quando você inventa essa arte, sua cidade tem personalidade. Quando não tem, algo está estranho, a repressão é grande. O grafite é diálogo com a cidade”, arre-mata.

5 MOMENTOS MARCANES

- 1 ANOS 90**
É QUANDO COMEÇA O FOMENTO DA PIXAÇÃO EM SALVADOR E ISSO QUER DIZER: JOVENS, DE MAIORIA PERIFÉRICA, QUERENDO SE EXPRESSAR EM UMA SOCIEDADE ELITISTA QUE ATÉ HOJE NÃO TEM ESPAÇO EM MUSEUS PARA PIXAÇÃO. É O NASCIMENTO DESSA CULTURA EM SALVADOR.
- 2 1996**
HÁ UMA EFERVESCÊNCIA NO CENÁRIO. A CAPITAL COMEÇA A GANHAR PERSONAGENS ATRELADOS À PIXAÇÃO. CADA PIXADOR TINHA UM MASCOTE QUE VIRAVA A ASSINATURA DELE, MARCA REGISTRADA.
- 3 2000**
ACONTECE UM NOVO BOOM. A PARTIR DA FORTE INFLUÊNCIA DA CULTURA HIP HOP DOS ESTADOS UNIDOS. EM 2000, SALVADOR COMEÇA A CONTAR SUA HISTÓRIA COM SUAS LENDAS: PASSA A FALAR DE CULTURA AFRO, INDÍGENA, EXODO RURAL, TENDO REFERÊNCIA MURALISTA NO GRAFITE.
- 4 2007**
SURTIAMENTO DO SALVADOR GRAFITA QUE ORIGINALMENTE NASCE DO MOVIMENTO HIP HOP DA REDE AIYÉ. O PREFEITO JOÃO HENRIQUE SE APOSSA DA IDEIA E COLOCA O PROGRAMA DENTRO DA LIMPURB. CHEGAM MATERIAIS NOVOS E MARCAS ESPECÍFICAS PARA GRAFITE EM SALVADOR, PORQUE ANTES TUDO ERA FEITO COM O QUE PINTAVA GELADEIRA E BICICLETA, COM POUCAS CORES.
- 5 2007 A 2011**
MUITO FOI FEITO EM SALVADOR, PELA OPORTUNIDADE DE PINTAR VIADUTOS E ÓRGÃOS PÚBLICOS PELO SALVADOR GRAFITA. O GRAFITE COMEÇA A MOSTRAR PERSONALIDADE NA CAPITAL BAIANA: É A CULTURA AFRO PASSA A SER MAIS PRESENTE, A COR DA PELE DOS PERSONAGENS MUDA, PASSA A SER PRETA. INÍCIO DA CONSOLIDAÇÃO DA ATUAL CENA AFRO-INDÍGENA.